

É POSSÍVEL PREVENIR GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA?

Suzana Meira Lopes de Castro Joffily

Psicóloga, Terapeuta de adolescente e adulto

Analista Transacional Clínico da UNAT-Br

Mestre em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília

Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

SHIS QI 26 conj. 14 casa 14

Brasília-DF-Brasil-Cep 71670-140

suzanajoffily@bol.com.br

Liana Fortunato Costa

Psicóloga, Terapeuta Familiar, Psicodramatista

Doutora em Psicologia Clínica pela USP

Docente Permanente do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília

SQN 104 Bloco D ap. 307

Brasília - DF – Brasil - 70 733- 040

lianaf@terra.com.br

RESUMO

Procuramos nesse trabalho a desnaturalização do fenômeno da gravidez adolescente através do processo de construção de significados em adolescentes mães em contexto de abrigo de assistência social. Nosso objetivo de pesquisa foi analisar o significado da gravidez para adolescentes mães que estão em contexto de abrigo. Para isso utilizamos o enfoque qualitativo por melhor se adequar ao estudo proposto, que enfoca a significação, a subjetividade, a respeito da gravidez adolescente. Trata-se de um problema complexo por conter aspectos paradoxais de sentimentos e conceitos. Foram convidadas a participar da pesquisa 5 adolescentes mães, e as informações foram captadas por registro escrito, gravador, e filmadora. Utilizamos três instrumentos: discussão de grupo focal, a técnica expressiva e a técnica psicodramática. O papel de mãe para as adolescentes mães abrigadas passa a ser o mais importante, o filho passa a ser prioridade na vida delas, apesar de exigir a renúncia da satisfação de seus próprios desejos e o aumento da responsabilidade. Em relação ao filho, os significados são: a perda da liberdade e também a referência e continente para a vida; ter alguém que é muito especial em sua vida, a fonte essencial da vida afetiva e da vida psíquica. Assim, a maternidade adquire outro significado, para o futuro: ter alguém que garanta proteção e subsistência na velhice. O filho, a sua relação com ele, vai suprir a falta das relações familiares e a falta do companheiro.

Palavras-chave: adolescente grávida, adolescente abrigada, gravidez precoce, significação

ABSTRACT

This paper has sought to denaturalize the phenomenon of teenage pregnancy by way of a process of construction of meanings for adolescent mothers in a social assistance sheltering context. Our research objective was to analyze the meaning of pregnancy for adolescent mothers who are in a sheltering context. For that purpose, we used the qualitative approach because it is more appropriate for the study proposed, which focuses on meaning, subjectivity, regarding teenage pregnancy. It is a complex issue due to the fact that it involves paradoxical aspects of feelings and concepts. Five teenage mothers were invited to participate in the research, and the data were recorded in writing, by audio-taping, and videotaping. We used three tools: focal group discussion, the expression technique, and the psychodrama technique. The role of mother for the adolescent mothers in the shelter becomes the most important; their child becomes a priority in their lives, in spite of requiring that they renounce satisfying their own wishes and increasing their responsibility. As regards to the child, the meanings are: loss of freedom but also a reference and a direction for life; having someone who is very important in their lives, the essential source of their affective life and of their psychic life. Hence, motherhood acquires another meaning, for the future: having someone who will assure protection and subsistence in old age. The child, their relationship with him/her, will fill in for the lack of family relations and the lack of a companion.

Keywords: pregnant teenager, sheltered teenager, early pregnancy, and meaning.

1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Qual o significado da gravidez para as adolescentes mães em contexto de abrigo? O significado da gravidez para as adolescentes mães abrigadas, está relacionado com as experiências que vivenciaram e vivenciam na realidade. A realidade não possui qualidades próprias, (segundo o enfoque do Construcionismo Social), mas possui as qualidades que as adolescentes construíram em consequência das experiências. Estas construções da realidade são construções mentais que estão associadas com ações, produções discursivas e explicações. Pensamentos e ações são inseparáveis, são objetivações derivadas das características e práticas sociohistóricas do contexto particular (Ibanez, 1994, citado por Wiesenfeld, 1998). Como as

adolescentes mães abrigadas interpretam a realidade, vai depender da leitura que elas fazem da realidade objetiva que incorporaram, características essenciais e constitutivas, a partir das interpretações que conferiram a ela pelas experiências e práticas sociais.

“O significado é definido como um sistema social que permite organizar a experiência, conhecimento e transações sociais e interpretá-las através da identificação dos estados intencionais que as impulsionam e por meio dos sistemas simbólicos culturais como a linguagem, o discurso, as narrativas, padrões de vida” (Bruner, 1991 citado por Wiesenfeld, 1998, p. 143).

A escolha da abordagem do Construcionismo Social para embasar esta pesquisa vem ao encontro da epistemologia da ciência pós-moderna (Morin, 2001; Santos, 2000) aqui utilizada, por ser uma abordagem holística e não fragmentada. Essa abordagem incorpora todo tipo de fenômenos e evidências para a compreensão e não somente a evidência empírica. Concebe que as relações entre eventos ou objetos não são causais mas são sinérgicas. Admite que haja ambigüidade na compreensão dos eventos ou objetos, em contraposição a busca da certeza na explicação. Reconhece a incerteza.

Gergen e Kaye (1998) nos afirmam que nós geramos descrições satisfatórias da realidade através da criação de convenções do discurso, tanto na ciência como na vida cotidiana; se temos esse poder de gerar realidades, também temos o poder de alterá-las. Para fazer mudanças sociais, precisamos penetrar nos vocabulários culturais e simultaneamente ir buscando sua transformação, não com a postura de um especialista onisciente ou todo-poderoso, e sim ao contrário, pois a transformação é uma questão inerentemente relacional que emerge da interação entre as pessoas.

A palavra Adolescência vem do latim *ad* (a, para) e *olecer* (crescer), que significa condição ou processo de crescer, apto a crescer. Entretanto, também significa adoecer, pois deriva da palavra *adolescere*, que significa enfermar (Outeiral, 1994). Assim essa etapa de vida compõe as duas possibilidades: aptidão para crescer fisicamente e psicologicamente, e de sofrimento emocional pelas transformações biológicas e mentais, adoecer.

A adolescência é um fenômeno fundamentalmente psicossocial. A sociedade ocidental, na atualidade, transmite informações contraditórias para o adolescente: espera que o adolescente se comporte como adulto e cumpra seu papel de cidadão com responsabilidade social e adequação, como também, procura prolongar o período da adolescência. Porém, ele não é adulto. Essa etapa de vida, é uma preparação para a mudança de status de criança para a de adulto. Esse processo é complexo por exigir que o adolescente cumpra algumas tarefas evolutivas ao longo dessa preparação como a estruturação da identidade, cumprimento acadêmico e profissional e

relações de par. O adolescente de meio social mais carente e de situação de exclusão social tem esse período de vida abreviado ou até mesmo impedido.

Podemos definir a adolescência a partir de diferentes critérios como: o critério cronológico, o critério do desenvolvimento físico, o critério sociológico e o critério psicológico. Para o estudo do nosso objeto de pesquisa priorizamos o critério psicológico.

O critério psicológico focaliza o período como de extensa reorganização de estruturas psíquicas (estabelecidas na infância) com novas mudanças maturacionais em vários aspectos e desenvolvimento social e pessoal. As perturbações e as tensões que o adolescente pode apresentar devem ser consideradas como indícios de que estão em curso as mudanças interiores normais de sua fase de desenvolvimento. Entretanto, não podemos afirmar que todos os adolescentes vivenciam esta fase da mesma forma. A influência da família e das experiências, formadoras de sua estrutura de personalidade, durante a infância, assim como influências culturais e históricas, vão interferir em uma adolescência de desenvolvimento gradual e não conflitivo ou em uma adolescência de crises e tensões.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990) considera a adolescência um período de vida entre os doze e dezoito anos de idade, como pessoas em desenvolvimento, que precisam estar no seio familiar para que possam receber assistência necessária para o crescimento e bem-estar, como pessoas que no futuro possam assumir plenamente suas responsabilidades dentro da comunidade.

A adolescência é um fenômeno psicológico e social, característico das regiões urbanas, onde várias mudanças de transformações se processam na pessoa gradualmente até que passa a ser considerada adulta pela sociedade. O que podemos observar é que cada vez mais o período que marca a adolescência está se ampliando. Há algumas décadas esse período era delimitado pelos estudiosos entre 13 e 18 anos. Atualmente já se considera dos 11 aos 20, e a pergunta para essa questão seria “Quando termina a adolescência?” (Zagury, 1999 p. 19). Essa autora afirma ainda que mesmo chegando a essa idade limite muitas vezes não está pronto para assumir as exigências e responsabilidades da vida adulta quando diz: “E, muitas vezes, mesmo aos 20 anos, o jovem não pode de forma alguma ser considerado adulto, já que ainda não tem condições de responder de forma independente por todos os segmentos de sua vida (profissional, afetivo, financeiro, etc.). É um fenômeno recente a que estamos assistindo – as crianças entram mais cedo na puberdade e demoram mais a chegar à idade adulta.” (Zagury, 1999 p. 19)

Tanto Levisky (2001) quanto Zagury (1999) concordam que adolescentes de classes menos favorecidas vivem o processo adolescente de forma extremamente curta. Isto se deve a contingências basicamente socioeconômicas. Esses adolescentes têm como preocupação a sobrevivência. Levisky (2001) acentua a diferença entre adolescentes mais favorecidos dos menos favorecidos no que diz respeito a assumir responsabilidades adultas. Eles são pressionados pela realidade a assumirem um nível de autonomia e responsabilidade precocemente, não têm tempo para elaborar e amadurecer seus conflitos maturacionais. Esta condição restringe a possibilidade de experiências intelectuais e afetivas, não permite errar, fracassar, reformular,

questionar e duvidar. Esta é a situação de desvantagem em relação, a outros adolescentes de mesma faixa etária, porém em outras condições socioculturais e socioeconômicas.

O fenômeno adolescência pode assumir conotações diversas, a delimitação etária tem valor instrumental para estudos como referência concreta, porém, não há uma homogeneidade nos jovens. Dependendo da faixa etária, da região onde vive, nível social, escolaridade, nível de renda e gênero, encontramos grande diversidade. Por esta constatação percebemos que as expectativas diante da idade se alteram social e historicamente. O que pode ser considerado aceitável e natural em um dado momento histórico e num dado contexto social, não o é em outro. Assim, o tema da gravidez em adolescentes muda a qualidade de apreciação dependendo da agenda social (Melo, 2001).

1.1 - Sexualidade Adolescente

Uma característica, socialmente preocupante, da fase de transição da puberdade, da adolescência, até a fase adulta, é sem dúvida a sexualidade. Podemos constatar que o tema sexo é muito explorado na nossa sociedade ocidental pelos meios de comunicação, publicidade, filmes, revistas etc. Até pouco tempo não era permitida educação sexual nas escolas. A idéia era que abordar o tema estimularia a prática sexual. A constatação de que a sexualidade das crianças e adolescentes ansiava por orientação e esclarecimento preventivo sobre riscos liberou o assunto em vários segmentos sociais. Segundo o Vocabulário de Psicanálise (Laplanche & Pontalis, 1973) sexualidade é “toda série de excitações e de atividades presentes desde a infância e que procuram prazer irredutível na satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental”.

A fase de desenvolvimento psicosssexual que os púberes e adolescentes atravessam é fundamental para a formação e consolidação da estrutura básica da personalidade. É neste período que eles redefinem a sua identidade, ou seja, passam a limpo as etapas evolutivas da sexualidade infantil para atingir a sexualidade adulta. Entretanto, emocionalmente ainda não estão preparados para assumirem a complexidade que envolve uma vida sexual adulta. A expressão da sexualidade varia de acordo com a faixa etária, o nível socioeconômico, o momento histórico e social e a personalidade.

Abreu (2000) constatou em suas pesquisas jurídicas que o conceito de liberdade associado à ausência de virgindade apareceu repetidamente nos processos de defloramento, empregado para caracterizar a educação ou comportamento de uma jovem. Liberdade implicava uma falta de disciplina ou vigilância moral sobre sua honra, pois uma moça virgem não era livre nem independente. Por esta condição devia obediência e satisfações aos seus pais, parentes ou patrões. No início do século XX, esses valores de honra e virgindade exerciam pressão sobre as púberes e adolescentes da época, pois representavam proteção e aceitação social quando adaptadas a eles. Porém, os impulsos sexuais e amorosos não deixavam de atuar e determinar a vida de algumas que, conforme as regras da época, após o defloramento estariam em “desgraça” e a única forma

de reparar o dano seria através do casamento. Abreu ainda pontua que, por lei, os pais precisavam consentir com o casamento para menores de 21 anos e acrescenta “no saber popular os pais pareciam perder a autoridade sobre suas filhas após o defloramento... moça “desvirginada”, mesmo muito jovem, significava uma mulher adulta independente, que podia tomar liberdades não permitida a uma moça virgem” (p. 310). Um fato interessante na pesquisa de Abreu é o de que as moças de setores mais populares usavam sua virgindade como um instrumento de luta de poder em vários níveis como: ter contato sexual significava para elas um ato de desafio aos pais, forçando-os a aceitar um relacionamento proibido ou forçando o namorado a se casar com ela ou ainda se libertar do controle parental.

As adolescentes de baixa renda de hoje não devem ser definidas como cópias mal reproduzidas das adolescentes de renda mais abastada, as liberadas, no seu comportamento sexual e conduta amorosa. Como também essas condutas não devem ser interpretadas como resultado do “despreparo de suas mães ou da ausência de uma educação sexual adequada, responsável pela precocidade das relações sexuais e da conseqüente maternidade, sempre condenada como sinal de erro e sofrimento.” (Abreu, 2000 p. 312). Ainda Abreu sintetiza a realidade dessa faixa da população carente, sugerindo que qualquer análise sobre o comportamento sexual e amoroso dessas adolescentes deve incluir as influências históricas-culturais de moralidade, sexualidade transgeracionais, auferindo a elas o título de precursoras da chamada revolução sexual dos nossos tempos. Ela diz:

“As ‘meninas perdidas’ de hoje receberam de suas mães e avós, apesar das desavenças entre elas, uma herança de valores, regras e comportamentos sempre muito distantes dos padrões que médicos, juristas, educadores, religiosos e patrões tentavam impor – sem nunca conseguirem - a toda a sociedade. Apesar das difíceis condições de vida que enfrentam (dificuldades de emprego e maternidade sem companheiro, por exemplo), em qualquer análise sobre o comportamento amoroso destas meninas, deve-se buscar entender a lógica e os significados destes valores e práticas dentro de um contexto social e histórico mais amplo...” (Abreu, 2000 p. 313).

A adolescente na construção de sua identidade psicosssexual, procura conhecer o que é ser mulher, confirmar sua feminilidade tendo como modelo feminino mais próximo a sua mãe. Se esta mãe é uma mulher que não lida bem com a própria sexualidade e somado a isto tem como modelo masculino um pai provedor ausente ou abandonico, o risco de engravidar por não saber da sua sexualidade ou de como usufruir o corpo de forma madura e responsável, levam a conflitos e ambivalências comportamentais e emocionais (Ávila, 1998).

Segundo Ávila (1998) a adolescente usa o sexo como meio de buscar o afeto que lhe falta, para sanar a carência afetiva que se acentua neste período pela mudança de atitude que os pais e a sociedade passam a ter para com ela. Ela não recebe mais os cuidados e proteções que recebia na infância. Nem tão pouco recebe orientação adequada quanto ao exercício da sua sexualidade. O sexo passa a ser visto como canal de descarga de suas angústias e conflitos e também como algo perigoso, com risco de engravidar e ficar malfalada. A adolescente muitas vezes não tem força de vontade para controlar sua energia sexual e acaba deixando “rolar” a sua vida sexual. O sexo é usado também pela adolescente como forma de aceitação do seu grupo de amigos ou do seu parceiro. A vontade de conhecer o novo, de se auto-afirmar e se sentir independente, como busca de um par, como rebeldia contra o mundo ou contra os pais, a ignorância, a desinformação ou dificuldade de usar métodos anticoncepcionais, acabam levando a adolescente despreparada a uma gravidez indesejada. Ávila conclui que a adolescente deseja ter relacionamento e fazer sexo e não ter filho, ainda presente a ilusão de que “comigo isso não acontece” ocorre a gravidez indesejada (p.100).

Quanto à idade de início da vida sexual ativa dos adolescentes brasileiros, Zagury (1999) nos diz que no Brasil não temos muitas estatísticas a respeito, mas que provavelmente os jovens brasileiros iniciam a sua vida sexual mais cedo do que os jovens de outros países. Essa autora realizou uma pesquisa sobre os adolescentes brasileiros e detectou que “20% dos que já tinham vida sexual ativa haviam iniciado com 14 anos ou menos, enquanto 7,3% das jovens sexualmente ativas já haviam praticado pelo menos um aborto” (p.179).

1.2 - Gravidez Precoce

No Brasil Colônia a adolescente era vista como uma jovem mulher em idade reprodutiva, portanto, era desejado que entre os 13 e 15 anos de idade se casasse e tivesse filhos. Ser mãe nessa faixa de idade era considerado natural, desejado e adequado aos padrões da época (Del Priore, 1995, 2000). A gravidez e a maternidade magnificavam a mulher jovem que se casava e fosse boa mãe.

O que ocorreu ao longo do período histórico que levou a gravidez na adolescência ser considerada como um problema e risco? Ainda são poucos os trabalhos que esclarecem esse fenômeno (Moreira, 1999; Melo, 2001).

Roland (1994) em sua dissertação de mestrado conclui que a construção do significado de problema associado à gravidez adolescente é decorrência do modelo de análise estrutural-funcionalista. Essa leitura se deve ao fato da gravidez na adolescência ser uma quebra dos padrões tidos como normais dessa visão. Os padrões de normalidade que a gravidez adolescente confronta são: ideologia de controle de natalidade, entrada tardia na maternidade, escolarização prolongada, modelo ideal de família e de casamento em todos os níveis sociais (citado por Moreira, 1999). Dentro desse modelo estrutural-funcionalista a gravidez na adolescência é um

desvio em relação ao ideal de família e de casamento, e à adolescente grávida é imposto a vivência da gestação com culpa e vergonha. Este modelo é internalizado por vários segmentos sociais que permeiam a vida da adolescente: pais, educadores, profissionais de saúde e a mídia.

A compreensão das transformações históricas a respeito da gravidez adolescente ser considerada um problema ou desvio e, a partir desta visão, ser nomeada como gravidez precoce, é importante para produzirmos a desnaturalização da adolescência e da gravidez na adolescência como “naturalmente” problemática. Essa necessidade frente ao tema é compactuada com a visão das pesquisadoras Melo (2001), Heiborn (1998) e Moreira (1999) conforme ressaltadas em seus trabalhos.

Desnaturalização é definida por Moreira (1999) como “o afastamento da imagem da adolescência como homogênea, universal e a-histórica. Essa fase da vida humana é idealizada como momento de passagem para a vida adulta, de aprendizagem, de poucos compromissos e de liberdade. Idealização que a vivência de gravidez parece vir destruir” (p.45).

O recurso que utilizaremos neste trabalho para a construção de tal desnaturalização será a consideração do processo de construção de significados para a gravidez dita como precoce nas adolescentes mães em contexto de abrigamento de assistência social.

1.3 - As adolescentes

É necessário particularizar a população a que nos propomos estudar. Trata-se de adolescentes mulheres entre 12 e 18 anos, pobres na maioria, com pouca escolaridade, muitas analfabetas, moradoras da periferia (do entorno), muitas com experiência de moradoras de rua (meninas de rua), migrantes muitas vezes, que sofreram e sofrem violências, e são mães. Esse complexo conjunto de elementos que caracterizam o perfil dessas adolescentes vai influenciar no processo de desenvolvimento maturacional se diferindo das adolescentes das classes sociais mais favorecidas onde não precisam assumir outras responsabilidades além de estudar.

Através da observação do abrigo em questão, são comuns e constantes a rotatividade e reincidência de adolescentes que passam pela entidade. Como exemplo, podemos perceber esses fatos através de documento fornecido pela instituição; Relatório Mensal – Mapa demonstrativo de atendimento de Janeiro e Fevereiro de 2002. Nesse relatório consta que, no período de janeiro à fevereiro de 2002, foram atendidos 121 crianças e adolescentes, sendo destes 42 adolescentes mulheres (de 12 à 18 anos incompletos), das quais 7 eram mães adolescentes e 5 tiveram seus filhos dentro do contexto de abrigamento, permanecendo ambos mães e filhos internados no mesmo alojamento.

As adolescentes com experiências de ficarem nas ruas com atividades de prostituição, drogadição ou pequenos furtos, não permanecem por muito tempo dentro da instituição. Elas são encaminhadas ao abrigamento, porém, o relatório demonstra que o tempo de permanência varia de 1 dia (ou até horas) até 6 dias na maioria desta amostra. Dois casos destes ficaram mais dias,

uma permaneceu 20 dias e outra 5 meses. Esse tempo é abreviado pela evasão da instituição, geralmente em grupo de 2 a 3 adolescentes que se conhecem previamente ou se identificaram na entidade, as mais experientes em fuga e rua incentivam as novatas.

O retorno se faz muitas vezes ao serem novamente recolhidas contra a vontade ou muitas adolescentes voltam por vontade própria (pedem ajuda às autoridades para retornarem para essa instituição específica). O tempo que passam evadidas pode durar dias ou até meses, dependendo do histórico e da motivação para fuga de cada uma.

Podemos constatar que essa entidade de abrigo fica registrada para as adolescentes como referência de apoio, proteção, acolhimento e garantia de sobrevivência básica (alimentação, moradia, vestuário, assistência médica, dentária, psicológica e social). Vários depoimentos foram registrados dessas adolescentes que ingressam e são reintegradas e/ou das que reincidem com admissão e evasões sistemáticas. A conclusão que podemos chegar é que as adolescentes usam os instrumentos governamentais de proteção e assistência, tirando proveito de seus direitos garantidos pelo ECA, quando assim julgarem necessários. É comum o relato de que voltaram ao abrigo por que se cansaram da rua, estão com fome ou frio, doentes ou ameaçadas por gangues e traficantes. E que vão fugir de novo quando quiserem sair para fazer programas sexuais (prostituição) usar drogas ou só darem uma volta para se distrair. As adolescentes que são originárias de famílias que mantêm os vínculos afetivos, apesar de terem sofrido algum tipo de violência intrafamiliar, permanecem na instituição sem incidência de evasão até serem reintegradas a algum familiar ou substituto. Como também as adolescentes grávidas, mesmo sendo meninas de/na rua, permanecem no abrigo durante sua gestação. Essa constatação de procura de proteção na instituição quando a situação nas ruas se torna insustentável foi também detectada por Edmundo (1987) em seu trabalho, na FEBEM/PE, quando diz: "... viam a instituição como "mãe", com toda a ambigüidade que a imagem carrega: a instituição como a figura materna nega sua vivência, o anula, mas sempre que possível o acolhe e compreende" (citado por Rizzini & Rizzini, 1996 p.75).

2 – A PESQUISA

Nossas questões de pesquisa surgiram de nossa experiência no trato com essa realidade. Não será possível que a adolescente mãe abrigada, esteja envolta no processo de vinculação com o filho, como a busca de suporte ou resistência à dor, a solidão e ao abandono? Será que busca com a maternidade o status, poder, autonomia e autoridade com o papel de mãe que dificilmente dispõe em vários setores da vida social? Não estariam elas, repetindo atitudes das jovens do passado (a busca do mito da mãe-sagrada), que percebem como valor essencial na sociedade brasileira a tarefa de ser mãe? A gravidez não estaria relacionada com as vivências afetivas pessoais advindas da família original como um fator de repetição transgeracional?

Portanto nosso objetivo de pesquisa foi analisar o significado da gravidez para adolescentes mães que estão em contexto de abrigamento. Para isso utilizamos o enfoque qualitativo por melhor se adequar ao estudo proposto, que enfoca a significação, a subjetividade, a respeito da gravidez adolescente. Trata-se de um problema complexo por conter aspectos paradoxais de sentimentos e conceitos. Este tipo de investigação comporta e acolhe a ambigüidade, a incerteza e a subjetividade.

3 – METODOLOGIA

A pesquisa com a abordagem qualitativa prioriza a profundidade e a intensidade dos fenômenos e dos dados em oposição a extensão e a generalização dos resultados da abordagem quantitativa. A qualitativa é não-linear, não se esgota na dimensão externa dos fenômenos e considera complementar e essencial tanto qualidade quanto quantidade. Porém, não exige um número extenso de sujeitos participantes na pesquisa, justamente por objetivar conhecer o complexo e o diferenciado como parte de um todo (acontecimento, relações a cada momento com etapa de um processo). Assim, permite trabalhar analisando o antagonismo, a ambigüidade, o conflito, as relações entre grupos sociais e no interior deles, e o interrelacionamento dos fenômenos (Demo 2001, González Rey 1999, Minayo 2000).

3.1 - As Participantes

Foram convidadas a participar da pesquisa as adolescentes mães que estavam abrigadas na instituição em outubro de 2002. O grupo foi formado por 5 adolescentes mães que aceitaram o convite. No momento em que este grupo se formou, foram transmitidos os objetivos da pesquisa e o contrato de anonimato e permissão para documentar os encontros, através de registros escritos e uso de gravador, filmadora e máquina fotográfica.

As adolescentes mães abrigadas geralmente têm uma história em comum de exclusão social, com conflitos intrafamiliares, de origem pobre, com abandono escolar, falta de condições de moradia e alimentação etc. Estão muitas vezes longe da família por motivos diversos como: fuga de casa, violência familiar, drogadição, prostituição ou abandono pela família.

3.2 - Instrumentos

Os instrumentos selecionados visaram proporcionar a oportunidade de expressão, como canais abertos de informação, dentro do processo de comunicação. Reconhecendo que o individual, o subjetivo, é inesperado e imprevisível e naturalmente desordenado, utilizamos três

instrumentos que deram subsídios para a construção do conhecimento: A Discussão de grupo focal, a Técnica Expressiva e a Técnica Psicodramática.

A proposta de utilizar três instrumentos para pesquisa com adolescentes vem de Wawrzyniak (2002) que utiliza a metodologia qualitativa com instrumentos que possibilitem a expressão verbal (discussão em grupo, debates), a produção imagética (fotografias e/ou imagens gráficas) e a expressão sensório-motora (dramatizações de cenas). Ressalta o autor que essa metodologia supre as necessidades e interesses dos adolescentes em se expressarem através dos canais verbais, visuais e cenestésicos.

4 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os significados foram surgindo através da síntese de cada conjunto de conteúdo simbólico analisado nos três instrumentos. Esses conjuntos foram sendo percebidos como significados que faziam parte de sistemas de significados particulares como: afetivo, relacional, social, familiar e institucional. Os significados não são estáticos nem fechados e sim dinâmicos pelas suas interdependências complexas. Os significados que foram construídos são frutos das relações sociais e familiares, históricas e culturais, econômicas e políticas que influenciaram a vivência da gravidez e da maternidade. Todos os significados expressam a complexidade de inter-relações entre eles e entre os sistemas complexos pessoais totais em relação com o meio.

4.1 - Proteção e amparo pela institucionalização

No primeiro dia de contato com as adolescentes mães para fazermos o convite para participarem da pesquisa, pudemos observar que as adolescentes mantêm contato com seus filhos, sendo delegada a elas os cuidados para com eles. Apesar de estarem alojadas na mesma estrutura física onde funciona o berçário e a casa das crianças (de dois anos a seis anos), seus filhos não ficam entregues às funcionárias do berçário. A orientação da instituição é que elas fiquem abrigadas junto com seus filhos, e a eles prestem os cuidados necessários. O alojamento das mães adolescentes é coletivo, estando estruturado com camas e berços em grupos de quatro ou cinco mães com seus bebês. Apesar de estarem perto dos filhos o tempo todo, o comportamento observado do papel de mãe foi o de manter-se perto, porém, sem priorizar as necessidades do filho em detrimento das suas. Ainda estão voltadas para si mesmas, evidenciando sua fase maturacional de serem adolescentes.

Tornar-se mãe parece não ter acelerado o processo de amadurecimento psíquico, pelo contrário, a situação de abrigo pode ter provocado os sentimentos de desproteção emocional. Esse fato foi evidenciado por observações tais como: a adolescente chupar a chupeta do filho, como também não perceber o desconforto do filho e permanecer hipnotizada pela

televisão, ou então deixar a filha sentada na poça de xixi e usar o mesmo cueiro que forrava o carrinho para limpar o chão e a criança, e retorná-lo ao carrinho.

Ao não terem recebido orientação das próprias mães, e agora na condição de abrigadas desassistidas pelas famílias, não tem um modelo a seguir para serem iniciadas na maternagem, como as adolescentes mães que permanecem no seio familiar têm (Ávila, 1998; Duarte, 2002). Esse vínculo familiar lhes falta tanto para se sentirem amparadas e protegidas pelas mães ou parentes femininos, que lhes dêem suporte emocional nessa fase em que se encontram carentes emocionalmente pelo processo de gestar e parir, como para atender as necessidades do bebê. Maldonado, Dickstein e Nohoum (2002) ressaltam a importância da transmissão à mãe de conhecimentos práticos sobre como cuidar do bebê vindos de uma pessoa mais experiente. Entretanto, a ajuda deve ser útil para favorecer o aprendizado da mãe para ela sentir-se mais confiante e segura para cuidar do filho.

Durante a entrevista do grupo focal, o significado da gravidez como fator que garanta a proteção do ECA, foi evidenciado através dos depoimentos sobre como é ser mãe na instituição. Logo no início o assunto pareceu perigoso de se falar, na qual elas hesitaram relatar. Quando começaram a verbalizar entraram os prós e contras de estarem na instituição de abrigamento: *É melhor do que estar na rua. De bom aqui temos nosso filhos, as festas, a comida... Acho a amizade que temos aqui muito boa.*

As respostas quanto ao valor que elas atribuem à instituição, referindo-se a ter cama e comida, foram também encontradas em outras pesquisas citadas por Rizzini & Rizzini (1996). Guirado (1986) pesquisou sobre abrigamento e constatou que os próprios funcionários atestam que a instituição dá bebida, comida, roupa, oferecem cuidados, mas não oferecem carinho e amor, pois não estão com as suas mães. Não há lugar na instituição para o estabelecimento do vínculo afetivo com os internos. A relação é de trabalho, não de envolver-se afetivamente ou dar carinho, sua função é reter e dar coisas materiais. O afeto parece ser algo que deve vir de fora ou vir da família, não sendo reconhecido como possível na instituição. Assim, Guirado observa que afeto e instituição se opõem apesar de reconhecerem a importância da relação.

4.2 - Pecado, culpa, alegria e a própria vida

Alguns relatos feitos a esse respeito e o sentimento de arrependimento por não terem ouvido o conselho sobre se prevenir quanto ao sexo e aos homens: Na rua sem criança dá pra sobreviver mas com criança é difícil...

Se eu pudesse voltar no mundo, voltava. Às vezes me arrependo de não ter ouvido os conselhos.... Para mim não foi muito legal não... no momento, minha família me desprezou muito

Também tivemos uma adolescente que espontaneamente declarou que sempre quis ser mãe, desde os 14 anos, e foi mãe nessa mesma idade, manifestando sentimentos positivos apesar de ter sido expulsa de sua casa e da casa da sogra, vindo morar na rua durante a gestação: ... *Eu fiquei feliz. Eu era doidinha pra te um filho. Eu sempre pensei em ter um filho, desde que... desde os 14 anos*

Podemos constatar que não há homogeneidade a respeito dos sentimentos frente à gravidez na adolescência. Estes tantos podem ser positivos como negativos. Entretanto, o que percebemos é que a acomodação, resignação e aparente aceitação da gravidez ocorrem após o 2º trimestre de gestação ou após o nascimento (meses depois). Esta acomodação tem influência das interações sociais, das redes de apoio sociais e de saúde, como: familiares, conhecidos, psicólogos, médicos e funcionários. Também constatamos aconselhamento ou arranjo informais de doação; como uma alternativa para não abortarem, como segue: *Senti assim... às vezes me senti muito chateada de ter tido ele. Eu fiquei com raiva, queria tirar... aí depois o pessoal me deram conselho para não tirar... aí, não tirei não. Que era melhor eu dá... já que está dentro, deixa nascer! Ai depois com o passar do tempo... fui me acostumando... às vezes eu ficava assim triste, por que eu estava grávida uma pobre coitada, ai depois eu me acostumei... aí agora eu não ligo dela, nada de mais!... Eu não curtia a gravidez, depois de cinco meses que eu comecei a gostar da gravidez...)*

Podemos observar que ao fazerem esses discursos as adolescentes mães vão desenvolvendo uma seqüência de fatos e sentimentos que são invadidos por novas lembranças durante o fluxo de raciocínio que vão e voltam do presente para o passado como estivessem procurando organizar suas vivências. A cada estímulo dado pelas perguntas feitas provocavam respostas que pareciam serem inéditas, ou seja, não haviam pensado no assunto previamente e iam sendo construídas no momento presente. Assim, observa-se no início afirmações que em seguida são desconstruídas e voltam a concluir com afirmações coerentes do início. Com esse tipo de discurso é preciso escutar tudo o que elas têm a dizer para depois pontuar ou perguntar para não cortar esse fluxo circular e muitas vezes caótico de narrativa.

4.3 – Referências e continência para a vida

As respostas sobre as perguntas: O que significa a gestação para você? O que significa estar grávida? demonstram que a gravidez é um período turbulento e cheio de conflitos emocionais e familiares e por isto não é assimilado pela falta de conexão de vínculo afetivo consistente que dê continência. É a partir do nascimento que a realidade se torna concreta com a visão do filho, e assim, podem se dar conta dos significados que o ser mãe envolvem. *Minha gestação significa nada de mais, normal...não lembro nada da minha gravidez.*

Essa frase tem uma estrutura paradoxal pois diz que a gestação significa *nada de mais, normal* e em seguida diz não lembrar nada da gravidez. Se houvesse significação, algo seria dito a respeito, porém, aqui *nada de mais e normal* são usados como sinônimos. Termo comum na

linguagem adolescente que quer significar muitas coisas mas que não serão ditas e concluída com normal. Então, a forma de narrar é aparentemente contraditória pois, o que parece ser coerente é não querer se expor, *não lembro nada...*

Estas respostas de certa forma foram apresentadas antes, quando disse que *só passou a curtir a gravidez depois dos cinco meses*, quando o bebê começou a se mexer, *ficava triste se sentindo uma pobre coitada!* E concluiu dizendo que *agora eu não largo dela*. Assim, a filha se tornou um bem importantíssimo, ou seja, a única pessoa realmente dela, de linha de sangue, com vínculo afetivo, que lhe dá uma referência nesse mundo. Assim também uma adolescente, após expressar seus conflitos entre amar ou odiar o filho, entre querer entregá-lo para adoção ou assumi-lo concluiu: *... Minha criança significa tudo na minha vida.*

Realmente é tudo que ela tem somente seu para cuidar. Não tem parentes, não tem amigos, não tem para onde retornar. Assim, podemos interpretar que a gravidez adquire significado somente a partir do nascimento do filho, quando a realidade objetiva concreta não pode mais ser negada. Constatamos então que o processo de parto, natural ou cesárea, marca o momento de passagem do filho imaginário como abstração, para o filho realidade que passará a ser a referência, o continente para a vida. Isto fica evidenciado pelos exemplos a seguir:

Uma adolescente relatou que teve seu trabalho de parto na rua sem perceber que o bebê estava para nascer. Confundiu o rompimento da bolsa d'água com necessidades fisiológicas e o bebê veio a nascer dentro do vaso sanitário da casa de uma estranha. Outra adolescente precisou fazer parto cesárea de emergência por estar drogada na rua a ponto de ficar desacordada e ser socorrida pelos bombeiros. *... mas sabe, no dia que meu pai morreu eu usei droga na rua porque estava revoltada... ai eu passei muito mau na rua... chamaram o bombeiro e eu fui pro hospital ganhar o neném, ele nasceu no dia que meu pai foi enterrado... tiveram que fazer cesárea... eu estava muito mau, com muita droga... mas desde que ele nasceu e eu vim pra cá não usei mais... parei.*

Bocardi (1998) pesquisou a gravidez na adolescência e o processo de parto. Constatou que o parto é o espaço do medo, da dor e da tensão para as adolescentes. Principalmente, para as adolescentes grávidas que não tem apoio familiar ou do namorado, dando entrada sozinha no hospital. Para o corpo técnico, a gravidez adolescente é tida como gravidez de risco e a cesárea é o tipo de parto logo indicado. Ressalta a autora que, de modo geral, os serviços de saúde conferem as adolescentes grávidas o status de adultas e não oferecem uma assistência específica para essa faixa etária. Isto acentua a insegurança da gestante pela falta de escuta pelos atores sociais, que se esquecem que elas têm sentimentos e estão passando por um momento de fragilidade em suas vidas. O parto passa a significar o espaço do medo. São assistidas numa relação desnivelada nos hospitais onde o jogo extrapola “a posição informação/desinformação, mas também o confronto ser adulto/ser adolescente que é atravessado pela idéia de que compete ao primeiro decidir o que o segundo deve fazer” (p.12).

No cartaz as reações frente ao processo de parto demonstram a diferença de significado que a passagem do ser filha para o ser mãe contempla, pelas influências das instituições de saúde, a distribuição de poder e recursos e os campos de interação a que ficam sujeitas.

4.4 - Reviver a infância e buscar o amor

Os significados da gravidez para cada participante refletem aspectos individuais da subjetividade de cada uma. Porém, o significado mais constante e aparente é o significado dos vínculos afetivos que foram deficientes e inconsistentes no passado e no presente, que são transferidos para o filho na busca de reparação e satisfação (Bowlby, 2002). Esse autor desenvolveu a abordagem teórica dos vínculos afetivos mais precoces, o apego, como sendo uma necessidade básica e vital. O primeiro vínculo (mãe -bebê) será a matriz sobre a qual os vínculos futuros se desenvolverão. A qualidade dos vínculos para o bebê e para a criança pequena será essencial à saúde mental e para a capacidade de estabelecer relações para com outras pessoas.

Bowlby (2002) define ainda vínculo afetivo como “a vivência de uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe (ou mãe substituta permanente – uma pessoa que desempenha, regular e constantemente o papel de mãe para eles), na qual ambos encontrem satisfação e prazer. É esta relação complexa rica e compensadora com a mãe, nos primeiros anos enriquecida de inúmeras maneiras pelas relações com o pai e com os irmãos e irmãs...” (p.4) A falta de vínculo afetivo é chamado por ele de “privação da mãe” que define como “a situação na qual uma criança não encontra este tipo de relação” (p.4). Assim, as adolescentes mães demonstram estarem fixadas nas vivências infantis ainda não satisfeitas.

Através da sessão de dramatização esta constatação ficou evidente pelas cenas dramatizadas. Durante o aquecimento, através do jogo da “bola virtual” a participante se coloca em posição fetal, deitada sobre almofadas no chão, ficando no meio da roda com as outras participantes se movimentando de pé. Essa cena demonstrou que essa adolescente vivenciou um ato criador de sua vivência intra-uterina. Ainda dentro da cena, a adolescente trouxe duas narrativas sobre como foi punida pela mãe quando tinha por volta de seis anos. A primeira cena, a qual ela só quis participar como narradora e diretora, constrói a história de ter sido obrigada a comer balinhas molhadas em pimenta como castigo por ter comido escondido as balinhas do pote da venda da mãe. Como castigo também, apanhou muito com cinta e foi humilhada verbalmente.

Ela descreve a cena: ... *eu comi bala escondido da mãe e escondi o papel de balas embaixo da cama... depois de comer as balas fiz de conta que estava dormindo quando minha mãe vinha entrando... eu ficava com a cabeça baixa comendo... ai eu comi e fui dormir... minha mãe era muito brava, era mais brava que isto!*

O modo como a narrativa foi transcorrendo cheia de pequenas frases sem maiores explicações dos fatos parece representar como era sua relação com a mãe. Uma relação de poder

autoritária, punitiva que causava muito medo. Foi assim que foi narrando, pausadamente, e com medo ainda, como se a mãe pudesse, mesmo agora, ouvi-la e puni-la.

A segunda cena é outra história de castigo, que parece ser continuação da primeira, por ter se demorado na rua brincando de comidinha de lama com uma amiguinha. Ao chegar em casa, ao anoitecer, a mãe lhe bate e a coloca para dormir dentro de um saco vazio de ração de cachorro. A mãe diz que é isso que ela merece e vai dormir. Continuou a narrativa para a dramatização: *Foi dormir até o outro dia... Ai no outro dia fui brincar com a minha colega, cheguei em casa às 7 horas... ai a minha mãe olhou assim, brava, pegou um saco vazio de ração para cachorro e me mandou dormir dentro do saco... era castigo... vai embora dormir com meu pai... até outro dia...*

Após ficar em silêncio dramatizando o silêncio da casa onde todos dormiam disse: *Eu tava com frio... fiquei a noite toda com frio... mas eu não fui burra não... antes de amanhecer eu levantei e fui para minha cama. De madrugada enquanto meus pais dormiam.*

Demonstra reviver as cenas de violência de forma superficial sem se emocionar ao estar narrando seu papel de vítima frente ao agressor adulto. Ao ser questionada sobre o que percebeu a respeito dessas dramatizações disse não saber dizer nada. Então lhe foi perguntado se achava que merecia todos esses castigos o que respondeu: *Ah! eu acho que merecia um castigo... mas não desse jeito... minha mãe era brava...*

Nessas cenas sua filha participa quando representa a si mesma na infância brincando de lama com a própria filha, também brincando na cena, sentada no meio de suas pernas. A imagem parece simbolizar o significado da gravidez como uma fusão entre ela e a filha, não se diferenciando como mãe e filha. A regressão e indiferenciação estão assim representadas (Bowlby, 2002). A fixação na infância é uma constatação. São duas crianças, uma cuidando da outra.

As dramatizações revelaram como sua vivência atual, de ser mãe, estando sua filha presente no trabalho, não provocou o surgimento de sua vivência com a gravidez e nem com a maternidade. Mas a remeteu à vivências arcaicas com sua mãe onde sofreu privações, maus-tratos e violência. Isto nos leva a interpretar que psicologicamente ainda se percebe e se sente como filha carente de vínculos afetivos calorosos e consistentes. O contexto de instituição parece reforçar seu sentimento de abandono e privação desses vínculos, porém é o único paliativo que tem de referência de segurança e proteção. Um vínculo superficial, e ao mesmo tempo essencial para esse momento de vida: mãe aos 14 anos, com uma filha para cuidar, sem família, uma criança que precisa cuidar de outra criança.

A análise das observações durante os encontros também deixou clara essa tentativa de se manter na infância, ao assumirem comportamentos infantilizados, a fim de buscar atenção e trocas afetivas na interação com a pesquisadora.

Uma adolescente procurou chamar atenção o tempo todo: pedindo aprovação, perguntando se podia fazer de um jeito ou de outro, mostrando o que escolhia ou via na revista, declarando não saber fazer, ler ou escrever. Outra adolescente procurou fazer rápido seu trabalho e ficar

lendo as revistas sem se interessar pelo que as outras estavam fazendo. O cartaz proposto não foi realizado com interação entre elas, como um trabalho em grupo. Assim, sem combinarem, o cartaz foi sendo confeccionado como se dividissem os territórios do espaço físico em três.

O comportamento de uma adolescente, durante todo o tempo, foi de se utilizar do espaço físico para a sua própria satisfação: brincando, se distraíndo com outros assuntos, provocando as outras para brincar com ela, disputando os brinquedos com os bebês, furtando objetos lúdicos da sala ao final dos encontros. Esses comportamentos demonstram que para ela, sua necessidade principal era de brincar, fazer do encontro sua sala lúdica, um comportamento regressivo à infância, não mostrando muito interesse em participar das discussões que estavam ocorrendo. Só participava se lhe fosse dirigida pessoalmente as perguntas e não respondia de imediato provocando que fosse repetida a pergunta. Ela manteve esse comportamento durante os três encontros de pesquisa. Procurava demonstrar desinteresse e alheamento ao que se passava a sua volta (lendo gibis), porém, foi a única a estar presente aos três encontros e a chegar primeiro ao local. Assim, podemos interpretar que seu comportamento parece servir para lhe dar mais segurança em estar em contato com situações novas, onde teria que se expor (física, psicológica e verbalmente), se mantendo ocupada brincando ou lendo, mantendo as mãos ocupadas e os olhos desfocados, mas, com os ouvidos apreendendo o que se passava a sua volta. Dolto (1999) faz referência a esse comportamento das crianças nas situações terapêuticas e é de fato constatado durante nosso trabalho na instituição com crianças e adolescentes. Eles falam mais livremente com as mãos ocupadas. Se sentem mais seguros para falar deles assim.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel de mãe para as adolescentes mães abrigadas passa a ser o mais importante em função do papel de esposa ter fracassado ou por não depender unicamente delas. O filho passa a ser prioridade na vida delas, apesar de exigir a renúncia da satisfação de seus próprios desejos e o aumento da responsabilidade. Surgem, desse contexto, os significados em relação ao filho: a perda da liberdade, mas também a referência e continente para a vida; ter alguém que é muito especial em sua vida, é tudo, é a própria razão de viver, é a fonte essencial da vida afetiva e da vida psíquica, pois, é dele que espera receber muito amor, não ser abandonada nem abandoná-lo, selando um pacto de confiabilidade e vínculo que elas provavelmente não tiveram em suas vidas. Assim, a maternidade adquire outro significado, para o futuro: ter alguém que garanta proteção e subsistência na velhice. O filho, a sua relação com ele, vai suprir a falta das relações familiares e a falta do companheiro.

A adolescente mãe abrigada investe muitas expectativas em seu filho, porque tenta de alguma forma recuperar a própria autoconfiança e auto-estima perdidas na infância. Acredita que o filho pode satisfazê-la plenamente e por isto deposita nele a confiança e a capacidade de

desenvolver-se. É assim que ela encontra a possibilidade de desenvolver autoconfiança em si mesma e acreditar na própria capacidade.

Duas pesquisas recentes encontraram, como esta também, que o papel de mãe é considerado mais importante do que o papel profissional da mulher. Neiverth e Biasoli-Alves (2002) pesquisaram a gravidez na adolescência e a mudança no papel social da mulher. Tratava-se de adolescentes mães que estavam com suas famílias, de baixa renda entre 13 e 18 anos. Eles encontraram a permanência de resquícios tradicionais no papel da mulher em relação à gravidez, no qual o papel de mãe e esposa foi considerado mais importantes do que o papel profissional. Esse aspecto, para os autores, favorece o surgimento da gravidez precoce. Detectaram também, ao contrário dessa pesquisa, que 71% dos namoros resultaram na união do casal e 71% dos companheiros assumiram o filho. Esta é uma realidade que as nossas participantes da pesquisa não puderam experimentar, pois estão sem a família e sem os companheiros.

Frota e Rocha-Coutinho (2003) pesquisaram a maternidade em adolescentes de classe média e constataram que o papel de mãe é supervalorizado e o papel profissional está apenas adiado, mas que será realizado, pois a maternidade não impossibilita a continuidade nos estudos. Também detectaram que essas adolescentes mães atribuem ao homem o papel de provedor e chefe da família, mas elas permaneceram morando com suas famílias originais e os avós maternos passaram a ser os provedores. Esta pesquisa encontrou o mesmo discurso nas adolescentes mães de classe média que nós encontramos nas adolescentes mães abrigadas: elas acreditam que podem ser capazes de cuidar do filho, e sustentá-lo, sozinhas. Para as adolescentes mães, de classe média e vivendo em família, esta intenção provavelmente será cumprida, porque com o apoio familiar a vida delas pouco mudou nos setores sociais e escolares e os planos profissionais seguiram em frente. É uma realidade oposta das adolescentes mães abrigadas, não encontram apoio nos setores fundamentais para se desenvolverem plenamente.

White (1990, citado por Elkäin, 1998, p.230) teve a preocupação em observar os relatos dos sujeitos em contexto institucional, pois considerou que os relatos são de fundamental importância na construção dos significados da experiência individual. Esse autor deu ênfase às “conversações terapêuticas” para que a “natureza política” das interações locais fosse exteriorizada, a partir dos discursos interiorizados, para que propiciassem a repolitização do que tivesse sido despolitizado. Ele considera que os conhecimentos culturais podem se constituir em um fator de sujeição do sujeito. Através dessas conversações o sujeito se coloca distanciado ao relatar e é aonde narrativas alternativas podem ser construídas.

E finalmente voltamos à pergunta inicial: É possível prevenir gravidez na adolescência? Apesar da gravidez e maternidade adolescente em contexto de abrigamento e exclusão, representar o caos, essa desordem caótica contém o elemento organizador. Ver a gravidez adolescente só como problema é desqualificá-la e por isto a tendência do senso comum é pensar imediatamente em preveni-la. Com essa atitude a ênfase é somente nos aspectos negativos, o que nos faz perder a oportunidade de conhecer os significados e os propósitos para a gestação e maternidade. Em nossa experiência constatamos que a gravidez é uma forma de organizar a vida

psíquica e prática que se encontram em caos. É a busca de receber afeto, de fazer vínculos, de ser protegida pelo compromisso ético social regido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990). É a tentativa de receber proteção social e familiar, de resolver carências, de restabelecer vínculos afetivos de consangüinidade, e a garantia de ter alguém no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu, M. (2000). Meninas Perdidas. Em M. Del Priore (Org.), História das Crianças no Brasil (pp.289-316). São Paulo: Contexto (Originalmente publicado em 1999)

Ávila, A. A. de (1998). Socorro, Doutor !Atrás da Barriga tem Gente! São Paulo: Atheneu.

Bocardi, M.I.B. (1998). Gravidez na Adolescência: O Parto Enquanto Espaço do Medo. São Paulo: Arte & Ciência; Marília, São Paulo: Ed. UNIMAR.

Bowlby, J. (2002). Cuidados Maternos e Saúde Mental. (V. L. B. de Souza e I. Rizzini Trads.) (4ª ed.) São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1976).

Del Priore, M. (1995). Ao Sul do Corpo: Condição Feminina, Maternidade e Mentalidade no Brasil Colônia. (2ª ed.) Rio de Janeiro: José Olímpio (Originalmente publicado em 1993).

Demo, P. (2001). Pesquisa e Informação Qualitativa: Aportes Metodológicos. Campinas, São Paulo: Papirus.

Dolto, F. (1999). Tudo é Linguagem. São Paulo: Martins Fontes.

Duarte, A. (2002). Gravidez na Adolescência: Ai, Como Sofri Por Te Amar. (4ª ed.) Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos (Originalmente publicado em 1998).

Elkaïn, M. (Org.) (1998). Panorama das Terapias Familiares. (E. C. Heller Trad.) Vol.2, São Paulo: Summus (Originalmente publicado em 1995).

Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990). Em S. D de Oliveira (2001). Estatuto da Criança e do Adolescente Lei 8.069/90, Lei 9.975 de 23/06/2000. Rio de Janeiro: DP&A.

Frota, L. M. da & Rocha-Coutinho, M. L. (2003). Mães Antes do Tempo: A Construção da Maternidade em Adolescentes de Classe Média. Dissertação de Mestrado, não publicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro.

Gergen, K. J. & Kaye, J. (1998). Além da Narrativa na Negociação do Sentido Terapêutico. Em S. McNamee, & K. J. Gergen (Orgs.), A Terapia como Construção Social (C. O. Domelles Trad.) (pp.201-222). Porto Alegre: Artes Médicas (Originalmente publicado em 1995).

González Rey, F. L. (1999). La Investigacion Cualitativa en Psicologia: Rumbos y Desafios. São Paulo: Educ.

Guirado, M. (1986). Instituição e Relações Afetivas: O Vínculo com o Abandono. São Paulo: Summus.

Heilborn, M. L. (1998). Gravidez na Adolescência: Considerações Preliminares sobre as dimensões Culturais de um Problema Social. Em E. M. Vieira, P. Bailey & A. Mckay, (Orgs.) Seminário Gravidez na Adolescência. Rio de Janeiro.

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1973). Vocabulaire de la Psychanalyse. Paris, France: PUF.

Levisky, D. L. (2001). Adolescência: Reflexões Psicanalíticas. (2ª ed.) São Paulo: Casa do Psicólogo (Originalmente publicado em 1998).

Maldonado, M. T., Dickstein, J., Nahoum, J. C. (2002). Nós Estamos Grávidos. (12ª ed.) São Paulo: Saraiva.

Melo, M. T. de (2001). Estar Grávida na Adolescência: Um Estudo Realizado no Hospital Regional de São José – SC. Psicologia E Sociedade; 13 (1): 93-106; Jan./ Jun. ISSN 0102-7182.

Minayo, M. C. de S. (2000). O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. (7ª ed.) São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco.

Moreira, M. I. C. (1999). Gravidez em Mulheres Adolescentes é Problema? Elementos para a análise da Construção de Significado. Cadernos de Psicologia. – PUC. M. G. V. G. N. 8. p. 44-54, Jul.

Morin, E. (2001). Ciência com Consciência. (M. D. Alexander e M. A. Dória, Trads.) (5ª ed.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil (Originalmente publicado em 1990).

Neiverth, I. S. & Biasoli-Alves, G. (2002). Gravidez na Adolescência e Mudança do Papel Social da Mulher. Paidéia – Cadernos de Psicologia e Educação – Departamento de Psicologia e Educação, FFCLRP – USP, 2003, V.12(24) (pp.229-240), CDD370.000, ISSN:0103-863X.

Outeiral, J. O (1994). Adolescer: Estudos sobre Adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas.

Rizzini, I. & Rizzini, I. (1996). “Menores” Institucionalizados e Meninos de Rua: Os Grandes Temas de pesquisa na década de 80. Em A. Fausto, & R. Cervini (Orgs.). O trabalho e a Rua: Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano dos Anos 80 (pp.69-90). São Paulo: Cortez.

Santos, B. de S. (2000). Introdução a uma Ciência Pós-Moderna. (3ª ed.) Rio de Janeiro: Graal (Originalmente publicado em 1989).

Wawrzyniak, M. (2002). O Cotidiano da Violência. Seminário Metodologia da Pesquisa em Psicologia da Adolescência, Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília, maio.

Wiesenfeld, E. (1998). El “Construccionismo Crítico”: Su Pertinencia En La Psicología Social Comunitária. Psicologia E Sociedade, 10 (2): 137-157; Jul./ dez. ISSN 0102-7182.

Zagury, T. (1999). Encurtando a Adolescência. (4ª ed.) Rio de Janeiro: Record.